

Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003

## **Impasses na clínica psicanalítica: a invenção da subjetividade**

Regina Herzog

Teresa Pinheiro

### **Resumo:**

A presente reflexão se propõe pensar a questão da 'invenção da subjetividade' nos primórdios

da psicanálise e na contemporaneidade, procurando apontar os impasses clínicos com

respeito à economia e dinâmica psíquicas, nos tempos atuais.

Não foi fruto de um mero capricho de Freud a decisão de publicar o livro *Interpretação de Sonhos* no ano de 1900, quando, desde 1899, sua redação já estava pronta; e, quando, nos cinco anos anteriores, diversos textos, conceitualmente importantes para a psicanálise, já tivessem vindo a público.

De fato, 1900, considerado por Freud como o ano da invenção da psicanálise tem um sentido maior: trata-se de identificar o início do século XX com a invenção de uma nova subjetividade que tem, na histeria, seu paradigma.

Assim, talvez não seja demasiado pretencioso dizer que a invenção dessa nova subjetividade e a invenção da psicanálise são, mais do que concomitantes, uma e a mesma coisa.

Todavia, essa afirmação não é sem consequências. Se identificamos a psicanálise com o modelo da histeria e este modelo, por algum motivo deixa de vigir, não seríamos forçados a enterrar, juntamente com o modelo, a própria psicanálise? Mas que modelo de subjetividade é esse que alguns afirmam estar ultrapassado? Um modelo que tem a falta como referência e a culpa como operador. De acordo com este modelo, acompanhando *Totem e Tabu* - texto que trata da origem da sociedade -, a produção de subjetividade se dá em torno da proibição e do desejo. Dada a impossibilidade de satisfação, um conflito se estabelece, tendo como parâmetros a verdade do desejo incestuoso inconsciente e a crença na ordem simbólica. Da perspectiva clínica, tratava-se

de desvelar esse desejo para exorcisar o sintoma indesejável.

Mas foi em 1914, com o texto sobre o narcisismo que Freud nos apresentou o que podemos designar como a ‘invenção da subjetividade’, com sua famosa formulação sobre ‘sua majestade, o bebê’. Freud nos diz, claramente, aí, que a subjetividade é uma invenção das figuras parentais. Com mais precisão, é o adulto que, no seu imaginário, pressupõe um psiquismo, fazendo advir um sujeito. Nessa dimensão, a criança será, para os pais, a realização de todos os seus sonhos. Nas palavras de Freud, *“Doença, morte, renúncia de gozo, restrições a sua própria vontade, nada disso valerá para a criança, as leis da natureza assim como as da sociedade cessarão diante dela, ela será realmente de novo o centro e o coração da criação.”*<sup>1</sup>.

Esta imagem reflete a subjetividade dos adultos e nela a cultura em que todos estão imersos. Freud, nesta obra, nos mostra que a fantasia que constrói um bebê, melhor dizendo, que inventa um bebê, projetado no futuro como “herói ou princesa”, se insere numa temporalidade, na mesma medida em que é um semelhante. Um sujeito que, como ele, interpreta o mundo, as leis, os outros, imerso na linguagem, pensante e sonhador. Um sujeito que deve seu advento ao narcisismo parental e que, como os pais, terá de aceitar os limites que a castração lhe impõe.

Mas, e quando estes limites deixam de estar delineados? E quando este caldo imaginário deixa de operar? Em outras palavras, quando o discurso deixa de ser estruturante? Quando deixa de vigir a crença em uma autoridade simbólica que dá suporte à invenção subjetiva?

Desde a publicação do livro que inaugurou a psicanálise e este modelo de subjetivação, muita coisa mudou: o mundo, as leis e os outros. Assim, ainda que Freud tenha apontado um para além que todo limite implica, é inegável que contingências produzam, como efeito, formas diversas de sofrimento psíquico. Conforme indica Caligaris (2000) “...cada época organiza seus gozos e tem as “patologias” que merece.”<sup>2</sup> Ou seja, em que pese a complexidade que este tipo de discussão comporta, e que não pretendemos esgotar na

presente reflexão, não se pode negar que mudanças nos modos de subjetivação tiveram lugar nos últimos tempos.

Não é uma tarefa simples descrever os últimos 50 anos e a dificuldade maior talvez tenha a ver com o fato de que sejamos parte integrante deste momento. Ainda assim, com orgulho ou com desdém, não podemos deixar de reconhecer que vivemos mudanças significativas. O século XX foi o século das 2 grandes guerras, o século da industrialização e o século da comunicação e da tecnologia. E, como decorrência, o século do consumo. Ao mesmo tempo, é o século da morte de Deus – conforme afirmam alguns filósofos – e o século do homem feito Deus. Tanto assim que os mais variados inventos tecnológicos

2 Apresentação no livro de Melman, “Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar”,

São Paulo: Escuta, 2000, p. 10.

permitiram ao homem ir à lua; produziu-se a pílula anticoncepcional, liberando a sexualidade; os antidepressivos modernos; fomos, como num passe de mágica, da fecundação in-vitro à Dolly que revolucionou a crença quase absoluta que se tinha nos cromossomos, liberando a vida da morte. Em cerca de 30 anos o muro de Berlim foi erguido e demolido. Inventou-se a televisão e o fax, o telefone celular e a internet e a globalização. Em um curto espaço de tempo, num ritmo alucinante, produz-se verdades que se tornam mentiras, certezas que não se sustentam. Não se tem tempo sequer para acreditar.

Diante de tantas invenções, o que dizer da invenção da subjetividade?

Os impasses da clínica psicanalítica contemporânea diante das novas formas de sofrimento psíquico em que a depressão é o sintoma por excelência do fim do século XX, levou os psicanalistas a se voltarem para o estudo da melancolia, na medida mesmo em que esta coloca questões, justamente no campo do narcisismo, ou seja, na invenção da subjetividade. Se a histeria dos tempos de Charcot deu a Freud os instrumentos necessários para a construção do corpo teórico da Psicanálise, a depressão na atualidade obriga a psicanálise a buscar, nas formulações teóricas sobre a melancolia, subsídios para a compreensão dessas novas patologias.

Nesta perspectiva, Marie-Claude Lambotte é uma autora de referência no estudo da melancolia. Em sua tese de doutoramento, transformada em livro, intitulado “O discurso melancólico” Lambotte se refere à constituição da subjetividade melancólica através da figura de uma moldura vazia. De acordo com seu ponto de vista, no advento do sujeito melancólico, o olhar da mãe o perpassou, como se fosse transparente e como se seu interesse estivesse voltado para algo no além, ao fundo. Nestes termos, considera que o olhar da mãe é capaz de fazer uma moldura, mas uma moldura que circunscreve um vazio. Trata-se de um olhar incapaz de apostar que ali tem um semelhante, incapaz de inventar imaginariamente um psiquismo. Faz moldura, atesta a existência mas não é capaz de dar atributos, predicar. Ou talvez ateste um predicado do vazio, da transparência, de algo que não é capaz de fazer o olhar se deter. Não há ilusão, fantasia, há simplesmente um bebê que é. Ele é uma forma, um corpo, uma imagem, mas não é um projeto dos pais, não é a construção ilusória de um psiquismo.

A questão da existência e da predicação é uma questão tipicamente filosófica e sabemos que Freud queria manter distância deste campo. Sua preocupação não estava voltada para este tipo de questão, mas para “o modo como os seres humanos abordam o prazer em seu excesso” (David-Ménard, 2000, p.37). Neste sentido, em 1915, no texto Pulsão e seus destinos, Freud se refere a três polaridades que regem nossa vida psíquica: sujeito (ego) – objeto (mundo externo); prazer – desprazer; e ativo – passivo. Essas três polaridades, segundo Freud, encontram-se “ligadas umas às outras de várias maneiras significativas” (p. 156) Denominando de ‘narcisismo’, uma “situação psíquica primordial”, o “eu realidade original”, que distingue o interno do externo, vai se transformar em ‘eu prazer’, que divide o mundo externo “numa parte que é agradável [...] e num remanescente que lhe é estranho” (p. 158), ou seja, com o estabelecimento do ‘eu prazer’ um predicado é atribuído a alguma parte. É justamente na dimensão de uma ‘situação psíquica primordial’ que consideramos a utilização da figura da moldura vazia como o que dá existência sem predicar, tarefa que será concluída pelo ‘eu-prazer’.

Nessa perspectiva, podemos considerar que se trata, aí, de uma forma de invenção de subjetividade que não é permeada pelo imaginário tal como estabelecido no modelo da histeria. Nessa forma discursiva, o bebê é referido quase de modo científico, estabelecendo-se uma separação entre interno e externo, entre sujeito e objeto, de modo unívoco. Nela, o recurso ilusório é escasso. O bebê não é pensado como uma existência contínua, inserida na temporalidade; ele é descrito numa sucessão de fatos com intervalos mudos. Não há elos entre os fatos, ele não é uma continuidade no tempo, ele é a cada minuto, ou a cada fato novo; e, sobretudo, não é um vir a ser, ele simplesmente é, porque é só existência. Não há o que ele foi e nem o que ele será; não há passado ou futuro. Para um bebê que não é alvo de atribuições, de predicados resta, segundo Lambotte, se identificar com o nada. Ao nosso ver, com isso ele se torna-se refém da função predicativa dos outros com quem vier a esbarrar. Há nele um demandar permanente de um olhar que possa continuar a atestar a existência, tal qual o 'existo' do 'eu penso, logo existo' cartesiano. Uma existência pontual. Ele precisa de um outro que atribua predicados que diga o que ele é e o que não é. Curiosamente, na clínica, vemos a aflição desses pacientes diante de falas que o descrevem e que muitas vezes são contraditórias entre si. Diferentemente das subjetividades históricas que também valorizam a fala do outro sobre si, mas que contam com um referencial interno para contrapor essa fala, as subjetividades de que falamos aqui parecem não dispor internamente de qualquer formulação sobre si, a fala do outro torna-se, assim como os fatos, aquilo que ele é naquele momento. Nessa breve descrição encontramos os elementos para pensar o que denominamos como 'a invenção da subjetividade'. Sem desconsiderar o modelo da histeria e o dispositivo analítico que se forja a partir deste modelo, o que pretendemos ressaltar através dessa descrição é a possibilidade de uma outra escuta para modalidades de padecimento psíquico que não se encaixam neste modelo. Mais importante, ainda, pretendemos mostrar que se a psicanálise, enquanto um método de investigação dos fenômenos inconscientes, inventou um modelo de subjetividade, isso não significa que ela

se reduza a ele. A invenção freudiana, na verdade, nos lança um desafio. Ao oferecer, com seu arcabouço teórico, elementos para pensar outros modos de subjetivação – o que é possível a partir de suas considerações sobre o narcisismo, a postulação da segunda tópica e da segunda teoria pulsional – Freud abre uma via para trabalharmos os impasses na contemporaneidade com respeito à economia e dinâmica psíquicas. Nessa perspectiva, a aproximação entre a invenção da psicanálise e a invenção da subjetividade histórica, proposta no início desta reflexão, merece ser nuançada. Assim, vale repetir, sem desconsiderar tal invenção, trata-se, hoje, de criar condições para a invenção de novas modalidades de subjetivação.